

Trabalho e sensibilidade: a construção de uma cultura do corpo trabalhador alienada¹

GT 18- Reestructuración productiva, trabajo y dominación social

Sandro de Mello Justo - UFF²

RESUMO

Nosso trabalho tem como objetivo analisar como que, sob as influências do advento da grande maquinaria na indústria moderna, constrói-se no interior do processo produtivo uma cultura do corpo trabalhador alienada de suas capacidades sensíveis. Sobre a experiência da alienação, analisamos como o corpo trabalhador se vê apartado de suas potencialidades sensíveis a partir da alienação do produto de seu trabalho, de sua própria atividade e de seu gênero humano. Neste processo de estranhamento, a alienação do trabalhador de si mesmo é a síntese das três alienações supracitadas e a expressão concreta de uma ruptura de sua vida sensível.

Palavras-chave: corpo trabalhador; alienação; vida sensível

1- Considerações sobre o conceito de cultura

Engels (2010), ao analisar os estágios pré-históricos³ da cultura humana tomando como base os estudos do historiador inglês Lewis Morgan, nos fornece bons exemplos para uma compreensão de cultura como modo de vida. Isto, porque, para examinar os estágios de cultura⁴ nos períodos denominados de “estado selvagem” e “barbárie”, Engels realiza uma caracterização da forma como os seres destas respectivas épocas produziram suas vidas; como estes, ao se relacionarem com a natureza, foram produzindo hábitos que cada vez mais foram fazendo parte do cotidiano de suas existências. Portanto, podemos entender que analisar a cultura humana significa analisar as objetivações (materiais e ideais) elaboradas coletivamente e historicamente pelo Homem e que, ao se tornarem parte da existência cotidiana do mesmo, são capazes de caracterizar o seu modo de vida, modo este compreendido em toda a sua complexidade de manifestações e em todos os seus espaços de efetivação.

Em seus estudos sobre a cultura popular da Inglaterra do século XVIII, Thompson (1993) diz que “as práticas e as normas se reproduzem ao longo das gerações na atmosfera lentamente diversificada dos costumes” (p. 18). Esta frase, presente na Introdução de

¹ Este trabalho sintetiza a finalização de uma investigação realizada no âmbito da teoria marxiana.

² Mestre em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação – Universidade Federal Fluminense (UFF)

³ Em nota escrita na edição inglesa de 1888 do *Manifesto*, Engels define o período pré-histórico como “a organização social anterior à história escrita”. Tal nota pode ser vista em: MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Manifesto Comunista*. São Paulo: Boitempo, 2010.

⁴ A seção da obra na qual o autor se dá a este trabalho recebe o título de *Estágios pré-históricos de cultura*. C.f: ENGELS, Friedrich. *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

Costumes em comum, nos mostra de forma resumida a importância que Thompson concede aos costumes na formação de uma cultura. Durante a leitura da obra percebemos que a cultura da plebe inglesa foi se constituindo a partir da criação histórica de práticas que, ao se firmarem no cotidiano daquele povo, se transformaram em costumes compartilhados. Por sua vez, estes costumes, ao serem legitimados pelo povo inglês assumindo a forma de normas e obrigações sociais pertinentes aos vários membros da comunidade, formavam a economia moral dos pobres (THOMPSON, 1993).

Assim como Engels fez em sua obra *A origem da família, da propriedade privada e do estado*, Thompson, de forma muito mais profunda e detalhada, analisou as práticas comuns que caracterizaram um modo de vida específico e, neste passo, o desenvolvimento dos estudos de Thompson, ao esclarecer que a fonte dos costumes é a práxis (THOMPSON, 1993), consegue nos mostrar de maneira precisa o que seria cultura como modo de vida. Utilizando um termo do autor, esta concepção de cultura costumeira, a nosso ver, ratifica os pressupostos que colocamos até agora. Pensamos assim, pois o que estamos tentando demonstrar é o fato da necessidade de nos debruçarmos sobre um conceito de cultura que traduza a materialidade histórica e cotidiana específica de uma realidade social determinada; que contenha em seu significado a dinâmica da práxis humana que, ao se tornar característica de certo grupo social, constitui-se em experiências vividas comumente, constitui-se em uma dinâmica de costumes em comum. Desta maneira, entendendo que são pelas experiências que os seres humanos experimentam situações e relações produtivas (THOMPSON, 1981), podemos dizer que analisar a construção de uma cultura do corpo trabalhador significa analisar as experiências que, ao serem vividas e sentidas por ele de forma costumeira, caracterizam seu modo de existir.

2- A construção de uma cultura do corpo trabalhador a partir da experiência sensível da alienação

2.1- A alienação do produto de seu trabalho

Na perspectiva marxiana, o conceito de alienação, referindo-se à relação do trabalhador consigo mesmo, expressa o estranhamento de suas possibilidades humanas construídas historicamente (BOTTOMORE, 2001). Desta forma, o trabalhador se encontra distante de seu próprio ser, ou seja, alheio às suas capacidades omnilaterais de humanização, situação esta bastante compreensível para um ser afetado pela reificação. Por sua vez, esta alienação do trabalhador de suas próprias potencialidades, como nos mostra Marx em seus *Manuscritos*, pode ser vista como a síntese de um processo que envolve a alienação do trabalhador do produto de seu trabalho, a alienação do trabalhador de sua atividade e a alienação do trabalhador de seu ser genérico. Assim, considerando que “a alienação é sempre alienação de si próprio ou auto-alienação” (BOTTOMORE, 2001, p. 05), buscaremos neste momento analisar como que este processo de alienação do trabalhador de suas próprias capacidades humanas se constitui no interior da produção capitalista.

Marx (2004b), considerando que o capitalismo reifica o trabalhador rebaixando-o à condição de mercadoria, afirma que a miséria deste sujeito “põe-se em relação inversa à potência e à grandeza da sua produção” (p. 79). O dispêndio de suas forças e habilidades corporais, ao ser orientado para a produção de mais-valia, se encontra preso a uma dinâmica na qual o trabalhador experiencia o processo produtivo como locus de sua

desefetivação, pois, no momento em que o produto de sua atividade efetiva é apropriado privadamente por outro, ele acaba por se distanciar do sentido de seu trabalho. Produzir para outro, neste viés, significa alienar-se da consequência material de suas capacidades laborais. Abandonado e negado pelo seu objeto produzido e, desta forma, alienado do mesmo; esta é a experiência sensível que o regime da propriedade privada coloca à disposição do corpo trabalhador ao confrontar-lhe as mercadorias produzidas por ele. Neste contexto, percebemos que a vida sensível do corpo trabalhador é diretamente afetada e, neste passo, rompida, na medida em que este modo de se apropriar das riquezas produzidas pelo trabalhador:

[...] é apenas a expressão sensível de que o homem se torna simultaneamente objetivo para si e simultaneamente se torna antes um objeto estranho e não humano, que sua exteriorização de vida é sua exteriorização de vida, sua efetivação a negação da efetivação, uma efetividade estranha [...] (MARX, 2004b, p. 108)

A propriedade privada, portanto, é a materialização da alienação do corpo trabalhador que se constrói na medida em que sua atividade, tendo como fim a produção para a apropriação de outro, é a desefetivação de suas potencialidades sensíveis. Após ter vivenciado todo o processo produtivo, o trabalhador se choca com a frustração anunciada de ter que ver o seu trabalho objetivado ser possuído por um corpo não-trabalhador. Esta apropriação privada imediatamente sentida pelo sujeito que trabalha é “a expressão material-sensível da vida humana estranhada” (MARX, 2004b, p. 106), é o sentir-se alheio à sua própria criação.

Assim, se para Marx o sistema da produção econômica é “uma espécie de metáfora materializada do corpo” (SCARRY *apud* EAGLETON, 1993, p. 147), cabe realmente apreendermos a assertiva de Eagleton (1993) de que a propriedade privada é a expressão sensível da alienação do Homem de seu próprio corpo. Esta afirmativa nos leva a compreender que a relação de distanciamento entre o trabalhador e o produto de sua atividade faz com que ele, ao materializar seu corpo no conjunto de todo o sistema econômico pelo prolongamento de suas capacidades corporais no processo produtivo, perca a referência de seu corpo no uso burguês de suas potencialidades. Dito de outra forma: o trabalhador prolonga suas capacidades corporais despejando-as na produção capitalista que tem como ponto de chegada a mercadoria. Pode-se dizer que durante este processo há uma “descorporificação” do trabalhador, pois seu corpo, mesmo que de forma reificada e mecanizada, se encontra inscrito na mercadoria, faz parte dela. É trabalho vivo que acrescenta valor, é “descorporificação” do trabalhador e “corporificação” da mercadoria. Porém, ao se deparar com a apropriação privada de seu produto, o trabalhador não obtém o “caminho de volta”, não retoma em sua relação com a mercadoria a referência corporal que nela despejou. Basicamente, o trabalhador é “descorporificado” sem poder, a posteriori, reaver sua “descorporificação”, pois a mercadoria por ele produzida surge como um fim privado, como uma “metáfora de seu corpo” arrancada de seus domínios e significações. Logo, estando alienado de seu produto, o trabalhador é incapaz de, nele, realizar-se sensível-corporalmente.

Neste cenário, percebe-se que, para o capital, a vida sensível do corpo trabalhador a ser construída é a vida limitada da propriedade privada, a vida do uso imediato, a vida na qual as qualidades sensíveis dos objetos intencionados pelo corpo trabalhador não são o tema principal, já que “a significação geral do gozo humano é substituída pelo imediatismo

bruto da auto-satisfação privada” (MÉSZÁROS, 2006, p. 184). Em suma, uma vida sensível rompida e corrompida pelo regime da propriedade privada, regime este que transforma o trabalhador em um ser alienado de suas possibilidades sensíveis de realização em sua relação com o produto por ele criado. Assim sendo, o costume da exploração vai substanciando o modo de vida do trabalhador das mais variadas formas no contexto de sua atividade produtiva e, por conseguinte, a alienação de suas próprias potencialidades sensíveis construídas historicamente vai se tornando um importante elemento na construção de uma cultura do corpo trabalhador. Entretanto, como nos diz Marx (2004b), “o estranhamento não se mostra somente no resultado, mas também, e principalmente, no ato da produção” (p. 82).

2.2- A alienação de sua atividade

Analisando a realidade capitalista, Marx & Engels (2007) dizem que, para o trabalhador, sua atividade perdeu toda a aparência de auto-atividade. Isto significa que, nos jugos do capital, o trabalho deixa de ser a atividade responsável pelo auto-desenvolvimento humano, pela fruição livre de sentidos, seguindo, assim, outros caminhos. O trabalhador, desta forma, passa a encarar a sua atividade apenas como um caminho necessário para a manutenção de sua vida material, como um meio. Por sua vez, esta manutenção é vista como a finalidade da existência humana, uma finalidade que deve ser assegurada pelo trabalho. Trabalhar em troca de um salário que seja capaz de promover a manutenção de nossa vida material e consumista, este é o objetivo. Deste modo, o trabalho como meio de vida limita significativamente a realização humana do trabalhador, pois desenvolver de forma unilateral nossas capacidades sensíveis de existência vai muito mais além do que a satisfação de nossas necessidades materiais de sobrevivência.

Nesta concepção, Marx (2004b) diz que, sendo o produto o resumo da produção, a alienação do trabalhador de seu produto pode ser considerada como uma espécie de resumo da alienação deste de sua própria atividade. O autor complementa afirmando que:

[...] o trabalho é externo (*äusserlich*) ao trabalhador, isto é, não pertence ao seu ser, que ele não se afirma, portanto, em seu trabalho, mas nega-se nele, que não se sente bem, mas infeliz, que não desenvolve nenhuma energia física e espiritual livre, mas mortifica sua *physis* e arruína o seu espírito. O trabalhador só se sente, por conseguinte e em primeiro lugar, junto a si [quando] fora do trabalho e fora de si [quando] no trabalho. Está em casa quando não trabalha e, quando trabalha, não está em casa. O seu trabalho não é portanto voluntário, mas forçado, trabalho obrigatório. O trabalho não é, por isso, a satisfação de uma carência, mas somente um meio para satisfazer necessidades fora dele. Sua estranheza (*Fremdheit*) evidencia-se aqui [de forma] tão pura que, tão logo inexista coerção física ou outra qualquer, foge-se do trabalho como de uma peste. (MARX, 2004b, p. 83)

Decerto que o trabalho, ao se encontrar inscrito numa atividade que objetiva a produção de riquezas para serem apropriadas privadamente pelo capitalista, encontrará imensas dificuldades para conceder ao seu trabalho um status de “realizador de sua plena humanidade”. Nesta ótica é que o trabalhador se sente fora de si no ambiente de trabalho e mais próximo de si fora deste. E assim, alienado de sua atividade, o trabalhador acaba por

considerá-la como um simples meio para a consecução de sua existência; não consegue considerar sua atividade como a expressão de sua própria existência. Neste sentido é que o trabalho como meio de vida pode ser considerado como a alienação do trabalhador de sua própria atividade, pois, como aponta Marx na citação acima, o trabalho é “somente um meio para satisfazer necessidades fora dele”.

O regime da propriedade privada não apenas faz com que os produtos do trabalho humano sejam apropriados por outro, mas também proporciona a existência de um trabalho que, ao ser assalariado, se encontra, em última instância, subserviente a interesses alheios ao trabalhador. Seu trabalho não é o seu trabalho; é o trabalho para o capital. Se para o trabalhador a sua atividade é apenas um meio de vida, para o processo produtivo capitalista ela é apenas uma forma de valorizar o capital. Além de ser um simples meio de vida para o trabalhador, Marx (2004a) diz que “o processo de trabalho não é mais do que um meio do processo de valorização, processo que, por sua vez, enquanto tal, é essencialmente produção de mais-valia” (p. 57). Neste passo, a auto-atividade cede lugar ao auto-sacrifício; o desenvolvimento das capacidades sensíveis cede lugar ao desenvolvimento das capacidades de alienar-se de seu trabalho e de si mesmo. Frente à necessidade humana de desenvolver plenamente sua vida sensível, necessidade esta construída historicamente, o trabalhador se encontra impossibilitado de realizá-la. Desarmonicamente, “o homem frustra o seu próprio objetivo” (EAGLETON, 1993, p. 164).

Eagleton (1993), analisando os argumentos de Marx sobre o sensível, pontua a importância de se examinar as condições materiais das diversas relações sensoriais do ser humano com o mundo. Assim, levando-se em conta a realidade material da exploração do trabalhador sob o capitalismo, exploração esta que se encontra enraizada costumeiramente em seu modo de vida, podemos dizer que a “riqueza” das relações sensoriais deste com o conjunto de sua atividade perpassam pela sensibilidade da alienação. Vimos que o trabalhador percebe-se sensivelmente como alienado de seu produto e de sua produção. Por conseguinte, também vimos que ele acaba percebendo-se alienado de suas próprias possibilidades de desenvolvimento sensível. Deste modo, é compreensível dizer que esta ruptura da vida sensível do corpo trabalhador nos apresenta uma existência cotidianamente dependente, uma existência que faz da subordinação ao capital algo rotineiro e necessário para a manutenção da vida:

Um ser se considera primeiramente como independente tão logo se sustente sobre os próprios pés, e só se sustenta primeiramente sobre os próprios pés tão logo deva a sua existência a si mesmo. Um homem que vive dos favores de outro se considera como um ser dependente. Mas eu vivo completamente dos favores de outro quando lhe devo não apenas a manutenção da minha vida, mas quando ele, além disso, ainda criou a minha vida; quando ele é a fonte da minha vida, e minha vida tem necessariamente um tal fundamento fora de si quando ela não é a minha própria criação. (MARX, 2004b, p. 113)

Para o capital, esta vida criada e mantida não é a vida do ser enquanto ser humano e sim do ser enquanto trabalhador assalariado. Na perspectiva do sistema burguês de produção, “o homem nada mais é do que trabalhador e, como trabalhador, suas propriedades humanas o são apenas na medida em que o são para o capital” (MARX, 2004b, p. 91). Assim, percebemos que o capital pode ser considerado como uma “fonte” vital do trabalhador que permite a potencialização de suas capacidades sensíveis na medida

em que estas o caracterizam como trabalhador assalariado e não como ser humano unilateralmente capaz. Alienar-se do trabalho e de seu produto é uma potencialidade sensível do corpo trabalhador extremamente eficaz para o capital, pois o mantém na posição reduzida de assalariado, de um ser, como Marx diz, que não deve sua existência a si mesmo, que depende do capital para sobreviver, que compreende seu trabalho como um simples meio de vida e valorização. Neste passo, Mészáros (2006) afirma que “toda a abordagem de Marx é caracterizada por uma referência constante ao homem em oposição à condição de trabalhador assalariado” (p. 137), ou seja: o “hiato” que explica a alienação do trabalhador no modo de produção capitalista é a relação conflituosa entre as possibilidades que o mesmo tem de desenvolver a plenitude sensível de sua humanidade e os limites deste desenvolvimento proporcionados pela sua redução à mera condição de assalariado. Enquanto as percepções sensíveis convenientes ao capital se afloram, aquelas que serviriam à humanidade do ser se retraem. A vida sensível rompida não é apenas a vida do corpo trabalhador, mas principalmente a do corpo trabalhador genericamente humano.

2.3- A alienação de seu ser genérico

Marx (2004b) nos diz que a vida produtiva é a vida genérica do Homem. Considera que a produção das condições materiais de existência é o que engendra e possibilita a vida genérica humana. Em suas palavras, “no modo da atividade vital encontra-se o caráter inteiro de uma *species*, seu caráter genérico” (MARX, 2004b, p. 84). Porém, na medida em que o trabalhador encontra em sua atividade produtiva o momento no qual sua vida sensível é rompida no contexto de um trabalho que a ele se coloca como estranho, é compreensível afirmarmos que seu gênero humano encontra-se alienado. Se a vida produtiva é a vida genérica do ser humano, o que dizer sobre uma vida produtiva estranha ao trabalhador? Decerto que, se o trabalho é responsável pela humanização genérica do ser e no modo de produção capitalista ele se encontra alienado do trabalhador, a capacidade sensível do trabalhador de perceber a efetivação de seu gênero humano - no conjunto de sua atividade produtiva - é reduzida. A partir das ideias de Marx, podemos dizer que perceber a efetivação de seu gênero humano significa perceber a efetivação de um gênero construído em suas inúmeras potencialidades através do trabalho, um gênero que se universalizou na medida em que universalizou as variadas formas de dominação sobre a natureza.

O que permitiu o surgimento de um ser humanamente genérico e universal, contraditoriamente agora permite o afastamento deste de suas próprias características genéricas. O trabalho se constituiu como um “fenômeno originário” do gênero humano; porém, na sociedade burguesa se constituiu como algo que possibilita a alienação do trabalhador de sua humanidade, de seu próprio gênero. Este trabalho estranho ao trabalhador, pertencente a outro que não o trabalhador, deixa de ser um espaço de humanização do mesmo e passa a ser um espaço de desumanização. Nisto, a capacidade histórica de realizar sensivelmente seu gênero humano pelo trabalho é rompida ao mesmo tempo em que a capacidade propiciada pelo capitalismo de realizar sensivelmente o distanciamento de seu ser genérico pelo trabalho é substanciada.

Conforme Marx (2004b), “quando o trabalho estranhado reduz a auto-atividade, a atividade livre, a um meio, ele faz da vida genérica do homem um meio de sua existência física” (p. 85). Deste modo, o trabalho é a vida genérica do Homem, assim como o trabalho alienado é a vida genérica do Homem alienada. Na medida em que o trabalhador interpreta sua vida genérica, ou seja, a sua vida produtiva, como um meio, ele acaba por alienar a

mesma de si. Acaba por distanciar o seu ser genérico - o seu ser constituído universalmente como gênero humano através do trabalho - de suas capacidades sensíveis. Deste modo, considerando o gênero humano como a expressão da centralidade do trabalho na hominização do ser, podemos observar que é na relação entre o Homem e a natureza que o trabalhador encontra a objetivação de sua vida genérica. Isto significa dizer que é na produção de sua vida material em intercâmbio com seu corpo inorgânico que o sujeito experiencia a sua universalidade como Homem; a capacidade de trabalhar é ontologicamente a capacidade de o sujeito constituir-se como um gênero. Porém, ao elaborar um mundo objetivo transformando a natureza segundo fins privados de apropriação e valorização, o trabalhador termina por se afastar de sua objetivação genérica. Assim, tornando o trabalho uma experiência na qual o trabalhador se relaciona com a natureza tendo que seguir as normas do capital, o sujeito que trabalha acaba se encontrando distante da mesma. *Monsieur le Capital*, ao subsumir *Madame la Terre* em seus interesses, consegue fazer com que a natureza seja um corpo inorgânico sensivelmente distante do corpo trabalhador. Desta maneira, a unidade corpo inorgânico-corpo trabalhador é cindida ao meio pelo estranhamento do trabalho sob o modo de produção capitalista e, por conseguinte, a objetivação genérica do ser, operada pela atividade vital do trabalho, aliena-se do sujeito trabalhador.

Frente a este percurso de distanciamento do trabalhador de seu gênero humano, Marx (2004b) diz que “em geral, a questão de que o homem está estranhado do seu ser genérico quer dizer que um homem está estranhado do outro, assim como cada um deles [está estranhado] da essência humana” (p. 86). Portanto, percebemos que, para Marx, alienar-se de seu ser genérico significa alienar-se tanto de si mesmo quanto dos outros Homens. Isto nos leva a compreender que, no momento em que o trabalhador se distancia de sua humanidade genérica estruturada ontologicamente e historicamente pelo trabalho, não só está expressando a alienação de suas potencialidades sensíveis humanas, como também a incapacidade de reconhecer-se no outro. Por sua vez, esta atrofia na percepção de sua generalidade pelo trabalho acaba por influenciar a relação do trabalhador com os outros trabalhadores. Se eu não consigo enxergar em mim o que me constitui de forma central como um ser genérico, decerto que não conseguirei enxergar no outro a expressão deste meu próprio gênero; se o ser genérico do trabalhador a ele está alienado, conseqüentemente os outros trabalhadores como expressões deste mesmo ser genérico também a ele estarão alienados.

Segundo Marx (2004b), “na relação do trabalho estranhado cada homem considera, portanto, o outro segundo o critério e a relação na qual ele mesmo se encontra como trabalhador” (p. 86). Como nos mostra Marx, na alienação do trabalho cada Homem considera o outro a partir de sua posição como trabalhador, afirmação esta que nos mostra o “hiato” existente entre os limites sensíveis do trabalhador assalariado e as capacidades sensíveis deste mesmo sujeito, sendo que livre das amarras do capital. Nas palavras de Marx (2004b):

O indivíduo é o ser social. Sua manifestação de vida - mesmo que ela também não apareça na forma imediata de uma manifestação comunitária de vida, realizada simultaneamente com outros - é, por isso, uma externalização e confirmação da vida social. A vida individual e a vida genérica do homem não são diversas, por mais que também - e isto necessariamente - o modo de existência da vida individual seja um modo mais particular ou mais universal da

vida genérica, ou quanto mais a vida genérica seja uma vida individual mais particular ou universal. Como consciência genérica o homem confirma sua vida social real e apenas repete no pensar a sua existência efetiva, tal como, inversamente, o ser genérico se confirma na consciência genérica, e é, em sua universalidade como ser pensante, para si. (p. 107)

Tendo em vista as colocações de Marx e o modo como o trabalhador estranha de si o seu próprio ser genérico no costume da exploração capitalista, podemos considerar que esta alienação se encontra como uma barreira na interpretação do trabalhador acerca de si mesmo como um ser construído socialmente. Certamente, a vida individual do trabalhador não é diversa de sua vida genérica no sentido em que as duas formam uma unidade da existência humana. Porém, ao alienar-se de seu ser genérico, o trabalhador é capaz de vender-se parcialmente para a socialidade que o constituiu como um ser universal. Sua consciência genérica se encontra reduzida em sua consciência individual, pois, inscrevendo na consciência a sua existência material que o leva a estranhar-se de si e dos outros trabalhadores como seres genericamente humanos, o trabalhador faz de seu corpo uma mediação existencial aparentemente desconexa de outros corpos. Para as capacidades sensíveis do corpo trabalhador, isto acaba por provocar um distanciamento entre sua vida individual e sua vida genérica; trata-se de um corpo que, no trabalho, desenvolve suas potencialidades para alienar-se dos outros corpos e que, assim, termina por sobrepor sua individualidade em relação à sua universalidade. Não à toa, Engels *apud* Mészáros (2006) afirma que “a propriedade privada isola cada um em sua própria solidão brutal” (p. 145).

Considerações finais

Concluindo nossas análises, percebemos que a ruptura da vida sensível do corpo trabalhador, vista como construção cultural e econômica, se dá na medida em que suas capacidades de desenvolvimento sensível são limitadas pela exploração capitalista. Porém, devemos chamar a atenção para a seguinte questão: dizer que a vida sensível do corpo trabalhador se encontra rompida no modo de produção burguês não significa dizer que a mesma não alcança nenhum nível de desenvolvimento. É mister lembrar que o capitalismo propiciou uma acumulação de forças produtivas jamais vista na história, fato este que possibilitou um grandioso salto qualitativo nas capacidades sensíveis do ser humano. Através do capitalismo, “surgem novos poderes criativos e são criadas novas formas de interação social” (EAGLETON, 1993, p. 162). No entanto, o custo deste avanço das forças produtivas sai muito caro à grande parte da população, pois, como nos diz Eagleton (1993), “somente através do maior desperdício de desenvolvimento individual que o desenvolvimento da humanidade é, de alguma forma, preservado” (p. 162). Na realidade capitalista, “os poderes criativos que permitem à humanidade controlar o seu ambiente, erradicando a doença, a fome e as catástrofes naturais, também lhe instrumentam para tomar a si mesma como presa (EAGLETON, 1993, p. 163). Isto nos mostra que “o processo de humanização, iniciado com a atividade do trabalho, não é algo linear e unívoco” (NETTO & BRAZ, 2010, p. 45), e sim possui caminhos e descaminhos na história humana.

Desta forma, o que quisemos mostrar em nossas análises sobre a ruptura da vida sensível do corpo trabalhador foi justamente o fato deste corpo se encontrar como presa

desta realidade⁵. O corpo trabalhador não cessa de se desenvolver no capitalismo, porém, pagando um preço muito alto, encontra na alienação enormes entraves para suas possibilidades multifacetadas de enriquecimento sensível.

Assim, não podemos negar que no processo de alienação o corpo trabalhador afasta de si as possibilidades de constituir-se cada vez mais como um corpo humano capaz de fruir livremente seus sentidos em sua relação com o mundo e com os outros. Deste modo, os poderes do corpo trabalhador são impedidos de se manifestarem seguindo os seus próprios interesses e de se desenvolverem de acordo com a necessidade humana histórica que este corpo tem de ser plenamente sensível⁶. Para Marx (2004b), “o homem se apropria da sua essência unilateral de uma maneira unilateral, portanto como homem total” (p. 108). Com nossas análises, notamos que a construção de uma cultura do corpo trabalhador alienada de suas potencialidades sensíveis caminha no sentido totalmente oposto. Na ruptura de sua vida sensível marcada pelo processo produtivo, o corpo trabalhador é impedido de desenvolver sua unilateralidade e o Homem, nesta impossibilidade, é reduzido à condição de trabalhador assalariado, ou seja, é reduzido a uma unilateralidade subordinada ao capital.

Marx (2011b), nos *Grundrisse*, afirma que a verdadeira riqueza é o desenvolvimento dos poderes humanos como um fim em si mesmo. Em seus Manuscritos, afirma que é apenas pela riqueza objetivamente desdobrada da essência humana que a riqueza sensível do Homem se desenvolve em sentidos confirmados como forças essenciais humanas (MARX, 2004b). Desta forma, podemos dizer que a construção de uma cultura do corpo trabalhador inscrita no processo produtivo capitalista não permite a fruição desta riqueza sensível, pois os poderes humanos desenvolvidos são aqueles que, diretamente ou indiretamente, servem aos interesses privados de apropriação e valorização. Na verdade, as potencialidades sensíveis desenvolvidas culturalmente pelo corpo trabalhador na produção capitalista são pequenas demais se pensarmos nas possibilidades que este corpo tem de expandir os seus sentidos. No trabalho sob o capital, a riqueza da essência humana é impedida de se desdobrar objetivamente e, por conseguinte, a riqueza sensível do corpo trabalhador se encontra rompida.

Frente a este cenário, a “emancipação completa de todas as qualidades e sentidos humanos” (MARX, 2004b, p. 109) ainda está por vir. Considerando, conforme as palavras de Fromm (1979), que a filosofia de Marx é um movimento oposto à automatização e desumanização do Homem, representando, assim, um processo contra sua transformação em objeto e contra sua perda de si mesmo, podemos dizer que a “emancipação completa

⁵ Dizer que o trabalhador encontra-se como presa da realidade capitalista não significa dizer que o mesmo a vive de uma forma passiva. Sabemos que as formas de resistir a esta realidade são construídas constantemente (formas estas que, como já colocamos no início desta seção, não nos propomos a analisar). Assim, neste contexto, dizer que o trabalhador é uma presa significa considerar que esta realidade impõe limites para o seu desenvolvimento humano que somente poderão ser superados com a destruição do sistema capitalista. Toda presa luta para fugir, mas enquanto não consegue destruir o que a prende, continua sendo uma presa.

⁶ Apesar de termos nos remetido somente a sensibilidade do corpo trabalhador, podemos ressaltar que o capitalista também sofre uma ruptura de sua vida sensível na medida em que, como Marx (2004b) diz, quanto menos ele comer, beber, for ao teatro, sair etc. (ou seja, quanto menos ele se envolver sensivelmente com o mundo) mais ele poupará e maior será o seu capital. A vantagem que o capitalista tem sobre o trabalhador é o fato no qual, “tendo alienado sua vida sensível ao capital, ele é então capaz de recuperar vicariamente sua sensibilidade alienada pelo poder do próprio capital” (EAGLETON, 1993, p. 149). Neste sentido, o capital é como se fosse o prolongamento do corpo do capitalista; tudo o que ele não pode fazer, o dinheiro vai fazer por ele (MARX, 2004b).

dos sentidos humanos” é um dos principais objetivos das intenções revolucionárias marxianas.

BIBLIOGRAFIA

BOTTOMORE, Tom. *Dicionário do Pensamento Marxista*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

EAGLETON, Terry. *A Ideologia da Estética*. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

ENGELS, Friedrich. *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

FROMM, Erich. *Conceito marxista do Homem*. 7. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

MARX, Karl. *Capítulo VI Inédito de O Capital*. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2004^a

_____. *Manuscritos Econômico-Filosóficos*. São Paulo: Boitempo, 2004b.

_____. *Grundrisse*. São Paulo: Boitempo, 2011.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã*. São Paulo: Boitempo, 2007.

_____. *Manifesto comunista*. São Paulo: Boitempo, 2010.

MÉSZÁROS, István. *A teoria da alienação em Marx*. São Paulo: Boitempo, 2006.

NETTO, José Paulo; BRAZ, Marcelo. *Economia Política: uma introdução crítica*. São Paulo: Cortez Editora, 2010.

THOMPSON, Edward Palmer. *A miséria da teoria: ou um planetário de erros*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

_____. *Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.